

# CAPÍTULO 23

## O DIÁRIO DE CAMPO E SUAS POTENCIALIDADES COMO INSTRUMENTO INVESTIGATIVO NAS PESQUISAS

Data de aceite: 01/07/2021

Data de submissão: 24/05/2021

### **Camila Santana Domingos**

Universidade Federal de Minas Gerais, Escola  
de Enfermagem  
Belo Horizonte – Minas Gerais  
<http://lattes.cnpq.br/7562913653206689>  
<https://orcid.org/0000-0002-5526-3129>

### **Ana Carolina de Oliveira Paiva**

Universidade Federal de Minas Gerais, Escola  
de Enfermagem  
Belo Horizonte – Minas Gerais  
<http://lattes.cnpq.br/1513583368101078>  
<https://orcid.org/0000-0001-5729-3658>

### **Ricardo Otávio Maia Gusmão**

Universidade Federal de Minas Gerais, Escola  
de Enfermagem  
Belo Horizonte – Minas Gerais  
<http://lattes.cnpq.br/4411913606493834>  
<https://orcid.org/0000-0001-9941-1114>

### **Raimundo Luis Silva Cardoso**

Universidade Federal de Minas Gerais, Escola  
de Enfermagem  
Belo Horizonte – Minas Gerais  
<http://lattes.cnpq.br/5345957310613947>  
<https://orcid.org/0000-0002-4415-9377>

### **Kênia Lara da Silva**

Universidade Federal de Minas Gerais. Escola  
de Enfermagem. Núcleo de Estudos e Pesquisa  
sobre Ensino e Prática de Enfermagem.  
Programa de Pós-graduação em Enfermagem  
<http://lattes.cnpq.br/2616665500018369>  
<https://orcid.org/0000-0003-3924-2122>

### **Isabela Silva Cancio Velloso**

Universidade Federal de Minas Gerais. Escola  
de Enfermagem. Núcleo de Estudos e Pesquisa  
sobre Ensino e Prática de Enfermagem.  
Programa de Pós-graduação em Enfermagem  
<http://lattes.cnpq.br/4753093810427849>  
<http://orcid.org/0000-0001-5408-0825>

### **Elysângela Dittz Duarte**

Universidade Federal de Minas Gerais. Escola  
de Enfermagem. Núcleo de Estudos e Pesquisa  
sobre Ensino e Prática de Enfermagem e  
Grupo de Estudos sobre o Recém-nascido,  
criança, adolescente e suas famílias. Programa  
de Pós-graduação em Enfermagem  
<http://lattes.cnpq.br/1654031101014216>  
<http://orcid.org/0000-0001-8170-7523>

### **Tânia Couto Machado Chianca**

Universidade Federal de Minas Gerais. Escola  
de Enfermagem. Programa de Programa de  
Pós-graduação em Enfermagem  
<https://orcid.org/0000-0002-8313-2791>

**RESUMO:** Objetiva-se com este estudo compreender o diário de campo como um instrumento de pesquisa. O uso do diário esteve atrelado a existência da linguagem escrita e de instrumentos como papel e tinta, tendo surgido por volta do século X na Europa e Japão. Sua difusão como ferramenta de pesquisa ocorreu nos séculos XX e XXI pelos antropólogos, em especial no trabalho clássico de Bronisław Malinowski. Geralmente é utilizado em abordagens metodológicas observacionais, podendo também ser empregado em técnicas que utilizam a entrevista como metodologia. Por

se constituir como um instrumento de coleta de informações, o diário de campo também pode ser utilizado para triangulação de dados. Ter clareza do objetivo do estudo contribui para que o pesquisador mantenha o foco da sua observação, registrando aspectos importantes para a pesquisa. O diário de campo pode ser comparado a uma fotografia, com o objetivo de “capturar uma fatia da vida”, para tal, os sentidos, a sensibilidade e a inteligência do pesquisador devem estar aflorados. O diário de campo é composto por duas dimensões: descritiva, relacionada ao ato em si, e a reflexiva, oriunda da análise do pesquisador. A utilização do diário de campo denota uma preocupação e zelo dos pesquisadores pelo objeto de estudo, uma vez que relativiza o universo da pesquisa a partir da problematização e comparação das diferenças entre modos de vida. Esta produção permitiu conhecer e explorar o diário de campo como ferramenta de pesquisa, com a finalidade de registrar fenômenos sociais. Portanto, uma ferramenta que contribui para o aprofundamento das análises dos dados e, por meio das impressões registradas pelo pesquisador, pode-se corroborar para os achados e conclusões da pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pesquisa Qualitativa; Diário; Relatório de Pesquisa; Estudos Observacionais como Assunto; Metodologia.

## THE DIARY AND ITS POTENTIALITIES AS AN INVESTIGATIVE INSTRUMENT IN RESEARCH

**ABSTRACT:** This study aims to understand the field diary as a research tool. The diary appeared around the 10th century in Europe and Japan and its use was connected to the existence of a written language and instruments such as paper and ink. Its dissemination as a research tool occurred in the 20th and 21st centuries through the classic work of anthropologists, especially Bronisław Malinowski. The field diary is generally used for observational methodologies and for methodologies which uses interviews. It can also be used for data triangulation, since it is a data collection instrument. The clarity of the study objective helps the researcher to maintain the focus in the observation and to record aspects that are important for the research. The diary can be compared to a photograph capable of “capturing a slice of life” and for this purpose, the researcher’s senses, sensitivity and intelligence must be brought to light. The field diary consists of two dimensions: the descriptive dimension, related to the act of registering by itself; the reflective dimension, starting from the researcher’s analysis. Its use denotes a concern and zeal of the researchers for the object of study, since it relativizes the universe of research from the problematization and comparison of the differences between ways of life. This work allowed to know and to explore the field diary as a research tool, with the purpose of registering social phenomena. Therefore, this tool contributes to the deepening of data analysis and it can corroborate the findings and conclusions of the research through the impressions registered by the researcher.

**KEYWORDS:** Qualitative Research; Diary; Research Report; Observational Studies as Topic; Methodology; Interview.

## 1 | INTRODUÇÃO

A condução de investigações exige a escolha adequada dos instrumentos de coleta

de dados e das formas de registro das informações obtidas. Em geral, nas pesquisas qualitativas, a forma predominante de coleta de dados é a entrevista. Contudo, diferentes correntes teórico-metodológicas exigem outros instrumentos, capazes não somente de captar o registro da fala, mas de evidenciar o que pode ser capturado por outros sentidos, percepções e sensações que compõem o universo dos dados qualitativos. Entre estes instrumentos está o diário de campo.

Diário de campo é definido como um caderno de notas onde o pesquisador registra seus *insights*, ideias, reflexões, dúvidas e estratégias de pesquisa que podem ser aprofundados posteriormente. Útil também para a descrição de pessoas, objetos, ambientes, eventos, ocorrências, atividades e conversas (AFONSO et al. 2015; OLIVEIRA, 2014; ARAÚJO et al. 2013).

Oliveira (2014) complementa que o diário de campo permite registrar entonação de voz, olhares, gestos e movimentos corporais dos participantes, além de possibilitar anotações sobre os sentimentos e impressões do pesquisador.

Apesar da expansão no uso do diário de campo nas investigações qualitativas, muitas vezes sua utilização ocorre de modo assistemático, com uma subutilização do seu potencial para a pesquisa. Em parte, este fato pode ser justificado pelo desconhecimento do seu potencial para a produção de dados e também para a análise, bem como a necessidade de que os pesquisadores desenvolvam habilidade para o seu uso nas diferentes etapas investigativas.

Cabe considerar que, assim como os demais instrumentos, o uso do diário de campo deve ser previsto antes do início do estudo, devendo o pesquisador planejar a produção dos dados congruente com os referenciais teóricos e metodológicos adotados. Estes referenciais são elementos importantes na definição da natureza do conhecimento capazes de direcionar a linha de investigação e o valor atribuído às diferentes fontes de informação (PHILLIPPI; LAUDERDALE, 2017). Sendo, portanto, definidores da natureza do dado e as informações que devem ser produzidas para a investigação.

A escrita de notas de campo e a estruturação dos diários de campo, ainda são pouco discutidas e apresentadas pelos pesquisadores em seus relatórios de pesquisa. Da mesma forma as dificuldades para realizar as notas, o esforço para manter o rigor na escrita das descrições, as dificuldades para manter o foco na questão de pesquisa e a complexidade do registro dos pensamentos e *insights* ainda são pouco debatidos.

Portanto, com este texto, pretende-se explorar as contribuições do diário de campo como um instrumento de pesquisa, apresentando o seu emprego ao longo do tempo, principais definições, os modos de uso e as competências necessárias ao pesquisador para a sua incorporação na atividade investigativa.

## 2 | DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Histórico, conceitos e definições

Historicamente, o uso do diário esteve atrelado à necessidade de competências prévias, como a existência da linguagem escrita e de instrumentos como papel e tinta (ALASZEWSKI, 2006 *apud* ZACCARELLI; GODOY, 2010).

Registros apontam que os diários surgiram por volta do século X na Europa e Japão. Nesta época, as habilidades de escrita ainda eram restritas, assim os diários foram inicialmente elaborados por membros da elite, como a corte japonesa e o clero anglo-saxão. Com a expansão da escrita, por volta do século XVII, os cientistas e arquitetos passaram a fazer uso do diário como um recurso em suas práticas (ALASZEWSKI, 2006 *apud* ZACCARELLI; GODOY, 2010).

No século XIX, considerado promissor devido ao surgimento de novas ciências, o diário passou a ser utilizado por mais áreas de conhecimento. Sua difusão como ferramenta de pesquisa ocorreu nos séculos XX e XXI pelos antropólogos, que utilizavam um caderno no trabalho de campo, no qual registravam de forma detalhada as observações, modos de vida, culturas e práticas cotidianas das sociedades estudadas (OLIVEIRA, 2014; ROESE et al. 2006).

Como método de pesquisa científica, o diário de campo surge com o trabalho clássico de Bronisław Malinowski, sendo amplamente utilizado em pesquisas etnográficas, qualitativas, mas também em pesquisas quantitativas e experimentais (ROESE et al. 2006).

A definição de diário de campo, de acordo com Beaud e Weber (1998, p. 94) é “um diário de bordo onde se anotam, dia após dia, com um estilo telegráfico, os eventos da observação e a progressão da pesquisa”. Polit e Hungler (1995, p.179) salientam um conceito mais direcionado para a dimensão interpretativa das observações, entendendo-as como “o registro diário de eventos e conversas ocorridas; das anotações em campo que podem incluir um diário, embora tendam a ser mais abrangentes, analíticas e interpretativas do que uma simples enumeração das ocorrências”.

O uso do registro escrito dos dados, libera o pesquisador do esforço de memorização, permitindo que as informações sejam permanentemente recuperadas. Isto também possibilita que raciocínios mais complexos sejam estabelecidos e também a preservação do trabalho de campo independentemente da capacidade de memória do pesquisador e de sua presença.

Yin (2016) já utiliza o termo “notas de campo” como sinônimo de diário de campo. Neste artigo, entende-se que são denominações intercambiáveis. As notas de campo são constituídas do registro realizado. Elas podem ser inicialmente mais sintéticas e posteriormente serem expandidas. Portanto, sua extensão e detalhamento não seria o que determina a sua denominação. Quanto ao seu conteúdo elas podem ser descritivas e/ou reflexivas. O diário de campo é composto do conjunto das notas de campo realizadas.

## 2.2 Maneiras de utilizar e construir o diário de campo

A utilização do diário de campo denota uma preocupação e zelo dos pesquisadores pelo objeto de estudo, uma vez que relativiza o universo da pesquisa a partir da problematização e comparação das diferenças entre modos de vida. Desta forma, permite descobrir e desnaturalizar os comportamentos observados e a relação estabelecida com os pesquisados, tornando-os interlocutores e caracterizando essa relação como uma via de mão dupla (DALMOLIN; LOPES; VASCONCELLOS, 2002; SILVA, 2005; AFONSO et al., 2015).

Seu uso está atrelado geralmente às coletas de dados realizadas por meio de entrevistas, observações, grupos focais e conversas informais, anotando informações que não podem ser registradas por meio de gravações (ROESE et al. 2006). Portanto, para uma porção significativa dos dados, as notas de campo são a principal forma de documentação dos dados.

Um equívoco a esclarecer é a percepção de que o diário de campo é apenas uma forma “complementar” de coleta dos dados. Em algumas pesquisas como a etnográfica e antropológica, por exemplo, o diário de campo constitui-se como fonte principal de coleta de dados. Para Minayo (2014), a pesquisa qualitativa em saúde busca compreender com intensidade, e não apenas em extensão, os fenômenos estudados.

Como forma de registrar os dados obtidos das diferentes fontes de sentidos no campo e as impressões do pesquisador, o diário de campo é utilizado como um instrumento fundamental, seja de maneira única ou de forma complementar com outras técnicas de coleta de dados.

Embora seja comum os pesquisadores terem dúvidas quanto ao uso dos dados do diário de campo ao fazerem a análise de seu objeto de investigação, é importante salientar que o conjunto das impressões e notas registradas neste instrumento é um elemento que pode tornar mais verdadeira a pesquisa de campo (MINAYO, 2014).

Ademais, o uso do diário possibilita ainda, a triangulação de métodos e técnicas, o que permite análises de profundidade dos dados levantados na pesquisa por mais de um método. Por sua vez, a triangulação tem como objetivo principal garantir a validade e confiabilidade dos dados.

Assim, as notas do diário de campo devem ser tão detalhadas e ricas quanto possível, a fim de tornar completa a história da experiência do observador. Para isso, deve incluir relatos de eventos, comportamentos e reações das pessoas, o que foi dito em conversas, a posição das pessoas umas em relação às outras, movimentos de idas e vindas, gestos, respostas subjetivas ao que está sendo observado, dentre outros (MACK et al, 2005).

Bogdan e Biklen (1994) dividem o diário de campo em duas dimensões: descritiva e reflexiva. A dimensão descritiva relaciona-se com o ato em si, de forma que busca por meio do relato, captar palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. Já a dimensão

reflexiva relaciona-se ao observador, à sua análise de ideias, preocupações decorrentes da vivência, sendo um momento em que o pesquisador se coloca no estudo (ROESE et al. 2006; OLIVEIRA, 2014).

Oliveira (2014) em seu trabalho elabora dois quadros (Quadro 1 e 2) em que sintetiza tais dimensões:

| <b>ASPECTOS DESCRITIVOS DAS ANOTAÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO</b> |  |
|--|--|
| <b>ASPECTOS</b>  | <b>DESCRIÇÃO</b>   |
| 1. Retratos do sujeito                                       | Aparência física, formas de vestir, estilo de falar e agir, maneiras de ser.   |
| 2. Reconstrução do diálogo                                   | Conversas privadas do sujeito que estão para além das narrativas da/na entrevista.   |
| 3. Descrição do espaço físico                                | Desenhos, croquis, fotografias do espaço, dos móveis, das paredes, das janelas e portas, elementos nas paredes, etc.   |
| 4. Relato de acontecimentos particulares                     | Quem esteve no local da entrevista, de que maneira esteve, como se envolveu.   |
| 5. Descrição das atividades                                  | Descrição detalhada dos comportamentos, olhares, gestos, etc.  |
| 6. O comportamento do observador                             | Este é um aspecto que não pode ser deixado de lado. Aqui o/a pesquisador/a como parte integrante da pesquisa deve anotar seu comportamento, suas impressões, suposições, enfim tudo que possa intervir nas informações coletadas, consequentemente na análise e escrita da pesquisa. |

Quadro 1: Aspectos descritivos das anotações do diário de campo.

Fonte: OLIVEIRA, 2014, p.75-76.

| <b>ASPECTOS REFLEXIVOS DAS ANOTAÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO</b> |  |
|---|--|
| <b>ASPECTOS</b>   | <b>ESCRITOS</b>  |
| 1. Reflexão sobre a análise                                 | Temas que emergiram, conexões entre eles, o que aprendeu, pensamentos acerca das questões que surgem, etc.   |
| 2. Reflexão sobre o método                                  | Procedimentos e estratégias utilizadas, decisões tomadas no plano de estudo.   |
| 3. Reflexões sobre conflitos e dilemas éticos               | Nessa parte, é preciso pensar e elaborar questões sobre a ética nas pesquisas com seres humanos, fazer análise entre o documento apresentado como proposta ética da pesquisa e os caminhos tomados pelo/a pesquisador/a. |
| 4. Reflexões sobre o ponto de vista do observador           | Refletir sobre as ideias preconcebidas do/a pesquisador/a acerca dos sujeitos envolvidos na pesquisa – colaboradores/as.   |
| 5. Pontos de classificação                                  | Adicionar, corrigir e dimensionar as anotações que foram feitas anteriormente.   |

Quadro 2: Aspectos reflexivos das anotações do diário de campo.

Fonte: OLIVEIRA, 2014, p.76.

Oliveira (2014) sugere a separação da parte descritiva e reflexiva em diários distintos. Já Roese e colaboradores (2006) orientam o uso de um único diário, utilizando “CO” (comentários do observador) para discernir entre as partes descritivas e reflexivas. Por outro lado, Araújo e outros (2013) recomendam a construção do diário de campo em duas colunas, sendo a primeira referente a descrição do que foi observado e a segunda coluna destinada aos comentários e reflexões do pesquisador sobre o que foi observado.

Apesar de sua aparente informalidade, os registros no diário de campo devem seguir um certo formato. Esse formato pode se assemelhar aos das notas tomadas em sala de aula (aulas expositivas), de maneira que todos possuem um estilo de formatação que contribui para tomar notas de campo (EMERSON; FRETZ; SHAW, 1995 apud YIN, 2016).

Yin (2016) propõe orientações detalhadas que favorecem a efetividade do uso do diário de campo. A primeira delas é a recomendação de que o pesquisador esteja sempre atento para anotar alguma informação. A segunda orientação refere-se à organização dos registros, para tal, três lembretes podem ser úteis:

1. Decidir como serão feitas as anotações (caderno, bloco de notas ou fichas catalográficas). Caso o trabalho envolva movimento ou ambientes com poucas superfícies de apoio, deve-se preferir um papel ou bloco com algum suporte em papelão;
2. Escrever a data, horário (início e término), local (contexto), identificar a pessoa ou cena a que se refere o registro e numerar todas as páginas. Recomenda-se também, escrever apenas em um lado da folha (exceto quando estiver escrevendo em um caderno). Esta medida ajuda a identificar posteriormente os registros;
3. Deixar espaços vazios em cada página, com margens grandes ou dividir a página em duas colunas e escrever apenas em uma, a fim de viabilizar o acréscimo de informações posteriores. Recomenda-se o uso de caneta ou lápis diferente para a inserção de algum comentário, marca ao lado das passagens específicas ou o uso de cor e/ou estilo de anotação diferente.

A terceira orientação de Yin (2016) está relacionada ao desenvolvimento da própria linguagem de transcrição. O registro no diário de campo acontece simultaneamente à escuta, observação e a assimilação de eventos da vida real. Assim, a riqueza do que acontece no ambiente ou entrevista exigirá a capacidade de desenvolver tarefas paralelas. Desta forma, os registros devem ser suficientes para garantir que o pesquisador dependa minimamente de sua memória. Os registros, portanto, requerem e envolvem uma linguagem de transcrição separada. A linguagem, por sua vez, precisa possuir atalhos que preservem a exatidão e precisão. No entanto, ela pode diferir de sua escrita normal.

O registro também pode ser feito de forma semelhante a mensagens de texto ou instantâneas, desde que posteriormente seja possível ler e interpretar a escrita. Recomenda-se o uso de abreviaturas e siglas. Ao registrar, caso se atrase, sugere-se não tentar completar todas as frases, mas iniciar uma nova frase mesmo não tendo terminado

a frase anterior. Isso para evitar que deixe de ouvir a nova frase. Para a reparação de excessos de frases incompletas e fragmentação nos registros, deve-se procurar algum momento para fazer consertos ainda quando se está em campo (YIN, 2016). Aconselha-se o uso de letra pequena, e colocar mais palavras em uma página, além de escrita rápida. O uso de letra cursiva é mais rápido do que com letra de imprensa.

Com o avanço das tecnologias digitais, pode-se utilizar um diário gravado em áudio, por meio de aplicativos em telefones celulares ou tablets. A vantagem destas ferramentas é a rapidez com o que pesquisador pode registrar suas impressões, reduzindo o viés de memória ou a perda de informações importantes num contexto com muitos elementos a serem captados.

Independente do modo como é realizado o registro no diário de campo, após finalizada a etapa de campo propriamente dita, o pesquisador deve cuidar para guardar os registros em locais seguros e para “decodificar” as gravações ou as anotações em forma de textos breves, expandindo as notas de campo.

Na transcrição, é necessário distinguir as notas descritivas das reflexivas, respeitando a cronologia dos eventos. Orienta-se praticar a linguagem de sua transcrição. Para isso, é possível testar inicialmente os primeiros registros se são capazes de representar as observações desenvolvidas no campo.

Algumas pessoas preferem ditar suas notas para um gravador e depois transcrevê-las. Aconselha-se, nesse caso, que o próprio investigador as transcreva, pois ele será mais perspicaz que uma pessoa que não participou da observação (ROESE et al. 2006).

Os registros também podem incluir desenhos ou esboços. Isso pode ajudar o pesquisador a acompanhar certas relações enquanto ainda está em campo, bem como recordar essas relações depois de ter completado o seu trabalho. A intenção é esboçar algo rapidamente de forma a captar a cena. Estes recursos podem ajudar a capturar relações sociais como estabelecidas por árvores genealógicas e mapas organizacionais, sendo úteis quando as relações são complexas e numerosas (YIN, 2016).

Nesse contexto, Azevedo (2016) relata sua experiência durante o doutorado na África do Sul, onde utilizou de desenhos para expressar sua prática em pesquisa antropológica. Para a autora, a prática do desenho oportunizou a reflexão sobre a observação e sobre o lugar em que esta observação foi descrita. O desenho foi capaz de extrapolar a dimensão apenas de registro, uma vez que induziu a problematização, perpassando pela escolha dos materiais e das relações estabelecidas pelos símbolos utilizados.

Outra informação relevante relacionada ao diário de campo relaciona-se às conversões das notas de campo. De acordo com Yin (2016) durante o trabalho, os registros no diário ficam restritos pela falta de tempo e atenção, uma vez que o foco do pesquisador está direcionado à execução do trabalho ou à condução da entrevista. Isso exige, posteriormente, revisão e conversão em um conjunto mais formal dos registros.

Então, o autor recomenda converter as notas de campo rapidamente, na primeira



oportunidade possível após cada evento no campo. Assim, deve-se reservar tempo para esta tarefa. Os requisitos mínimos para a conversão diária de notas de campo incluem expandir ou corrigir frases cujos significados não estejam absolutamente claros. Deve-se também deixar pontos de interrogações em situações que produziram dúvidas, para que seja tentado interpretar o significado dos registros posteriormente.

Yin (2016) ainda propõe quatro modos de aperfeiçoamento dos registros de campo originais:

1. Realizar a leitura das notas para estimular a recordação de detalhes adicionais das observações e entrevistas realizadas no dia;
2. Fazer pequenos comentários ou lembretes acerca de questões que podem ser melhor exploradas durante as posteriores oportunidades de campo;
3. Sugerir alguns temas, categorias, ou mesmo soluções e respostas provisórias relacionadas às questões de pesquisa. Isso pode facilitar a identificação de alguns dos “códigos” que serão utilizados na análise de seus dados;
4. Adicionar as notas dos dias, de algum modo organizado, a suas outras notas de campo. Evitar um amontoado de dados e manter todo zelo para evitar a perda dos registros.

Ao longo de todo o processo de coleta de dados por meio da observação e dos registros do diário de campo, o pesquisador deve ter em mente que estes elementos são componentes da coleta e análise de dados e que exigem o mesmo nível de profissionalismo exigido nas interações face a face. Todo cuidado deve ser tomado com informações pessoais dos participantes, uma vez que a forma como os mesmos são descritos e reflexões críticas podem ser muito reveladores (PHILLIPPI; LAUDERDALE, 2017).

Ao finalizar a etapa de coleta de dados envolvendo a observação, passa-se para a etapa de análise do material. Para o diário de campo, é necessário fazer uma triagem e classificação do material, podendo-se utilizar algumas estratégias como várias pastas das observações, classificadas em séries, temas e cronologia. Outra forma, é organizar fichas recapitulativas que resumem a cronologia da observação, com os encontros significativos, as ausências e as desistências (ROESE et al. 2006).

Ao final do “diário da observação” em que são relatadas as informações descritivas, deve-se reconstituir a série de posições ocupadas pelo pesquisador. No “diário de pesquisa” em que são registrados os aspectos reflexivos, deve conter a elaboração da problemática observada, o que o pesquisador está tentando demonstrar e a série de questões e hipóteses que foram progressivamente surgindo. É importante ressaltar que ao se organizar o material coletado, o mesmo já sofre a influência da interpretação (ROESE et al. 2006).

### **2.3 Competências do pesquisador**

O processo de construção do diário de campo, muitas vezes, tem início antes mesmo de haver qualquer escrita real, à medida em que o pesquisador foca no campo de

pesquisa como um local a ser observado e sobre o qual serão feitos registros escritos. Mas o momento principal da construção do diário é quando o pesquisador se retira do campo para trabalhar nos registros dos eventos observados em particular. Para desenvolver esta escrita, o pesquisador enfrenta escolhas constantes não apenas sobre que registros deve fazer, mas também sobre de que forma fazê-los (EMERSON et al, 2001).

O diário de campo pode ser comparado a uma fotografia, com o objetivo de “captar uma fatia da vida”, descrevendo um momento de observação pelas percepções do pesquisador. Para que este objetivo seja alcançado, os sentidos, a sensibilidade e a inteligência do pesquisador devem estar aflorados. “Escutar” pode ser mais importante do que “fazer” e deve-se escutar com a mente aberta. Assim, a finalidade principal do diário de campo é registrar fenômenos sociais contidos no campo (ROESE et al. 2006; YIN, 2016; OLIVEIRA, 2014).

Sabe-se que não há neutralidade no papel do pesquisador, pois este, mesmo sem intenção, leva a campo seus pré-conceitos, ideias e posições e, a partir delas, elabora sua leitura da realidade. Então, é recomendado que o pesquisador evite uma estereotipagem antes da entrada no campo, para ser capaz de focar nas ações que ocorrem no ambiente, registrando uma “imagem vívida” ao invés de um “estereótipo visual” (ROESE et al. 2006; YIN, 2016; OLIVEIRA, 2014).

Vale ressaltar que o diário de campo é uma construção pessoal, assim, cada pesquisador tem autonomia para adotar as estratégias que melhor convém. Roese et al. (2006) elencam dicas para o melhor aproveitamento do diário de campo, tais como: não adiar a tarefa, pois quanto mais o tempo passa, menos se lembra (viés de memória); registrar, antes de falar, para não confundir; escrever as notas em local sossegado e tranquilo; dar-se tempo para escrever; esboçar frases-chave e tópicos, antes de começar a escrever; deixar as conversas e acontecimentos fluírem ao papel; acrescentar o que foi esquecido na primeira escrita; e por fim, compreender que esse é um processo muito trabalhoso e que demanda tempo.

O diário de campo apresenta vantagens e limitações. O pesquisador necessita de certa agilidade no registro, assim como uma maior maturidade, buscando um ponto de equilíbrio para não registrar demais ou ser muito seletivo (ROESE et al. 2006). É fundamental que o registro permita uma análise espacial e subjetiva que outros métodos, como o gravador e a entrevista, não permitiram captar durante a compreensão dos fenômenos (OLIVEIRA, 2014). Dessa forma, Bogdan e Bicken (1994) defendem o pensamento que o pesquisador necessita de disciplina para registro e interpretação dos fatos para que se possa alcançar um entendimento maior da realidade.

### 3 | CONCLUSÃO

Este trabalho permitiu conhecer e explorar o diário de campo como ferramenta de

pesquisa, na qual a finalidade é registrar fenômenos sociais. Ter clareza do objetivo do estudo contribui para que o pesquisador mantenha o foco da sua observação, registrando aspectos importantes para a pesquisa.

Foi possível aprofundar o conhecimento sobre seu uso em pesquisas de natureza qualitativa, embora também seja possível utilizá-lo em pesquisas quantitativas, vinculando seu emprego a vivências durante a realização de práticas observacionais e de entrevistas.

Também é importante destacar que a utilização do diário de campo apenas de forma complementar a outras técnicas é um equívoco. Em pesquisas de cunho etnográfico e antropológico o diário de campo constitui-se como fonte principal de coleta de dados.

O diário de campo é um instrumento de pesquisa relativamente “simples”, sendo muitas vezes banalizado ou subentendido que pode ser utilizado sem um conhecimento prévio. Porém, com este trabalho ficou claro que existe um rigor a ser adotado em sua aplicação envolvendo aspectos descritivos e reflexivos.

Assim, o diário de campo contribui para o aprofundamento das análises dos dados e por meio das impressões registradas pelo pesquisador pode-se corroborar para os achados e conclusões da pesquisa. O uso adequado do diário de campo consistirá em um importante instrumento de registro para o desenvolvimento de pesquisas.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, T. et al. O uso do diário de campo na inserção ecológica em uma família de uma comunidade ribeirinha amazônica. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 131-141, Abr. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n1p131>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

ARAÚJO, L. F. S. et al. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research**. 2013, v. 15, n. 03, p.53-61. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/rbps/article/view/6326>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

AZEVEDO, A. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. *Áltera: Revista de Antropologia*. João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 100-119, jan. / jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/view/34737>. Acesso em: 02 jan. 2021.

BEAUD S.; WEBER F. **Guide de l'enquête de terrain**. Paris: La Decouverte; 1998.

BOGDAN, R. C., BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria J. Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo M. Baptista. Porto, Portugal: Porto Editora, LDA, 1994.

DALMOLIN, B. M., LOPES, S. M. B., VASCONCELLOS, M. P. C. A construção metodológica do campo: etnografia, criatividade e sensibilidade na investigação. **Saúde e sociedade**. [online]. 2002, v.11, n.2, p.19-34. Disponível em:<<https://doi.org/10.1590/S0104-12902002000200003>>. Acesso em 04 jan. 2021.

EMERSON, R. M., FRETZ, R. I., SHAW, L. L. Participant observation and fieldnotes. In: ATKINSON, P., COFFEY, A., DELAMONT, S., LOFLAND, J., LOFLAND, L. (Eds.). **Handbook of ethnography**, p.352-368. London: Sage, 2001.

MACK, N., WOODSONG, C., MACQUEEN, K. M., GUEST, G., NAMEY, E. **Qualitative Research Methods: A Data Collector's Field Guide**. North Carolina (USA): Family Health International, 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14<sup>a</sup> ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

OLIVEIRA, R.C.M. (Entre)linhas de uma pesquisa: o diário de campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**. 2014, v. 2, n. 4. Disponível em:<<https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/1059>>. Acesso em 04 jan. 2021.

PHILLIPPI, J., LAUDEDAL, J. A guide to field notes for qualitative research: context and conversation. **Qualitative Health Research**. 2017, vol.28, n.3, p.381-388. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/2F1049732317697102>>. Acesso em 26 abr. 2021.

POLIT DF, HUNGLERT B. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**. 3<sup>a</sup>.ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.

ROESE, A. *et al.* Diário de campo: construção e utilização em pesquisas científicas / Field diary: construction and utilization in scientific researches. **braz. j. nurs.** (Online). 2006, v.5, n.3. Disponível em: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/598>. Acesso em 04 jan. 2021.

SILVA, S. S. C.. **Estrutura e dinâmica das relações familiares de uma comunidade ribeirinha da região amazônica**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade de Brasília. Brasília: DF, 2006.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim** [recurso eletrônico]/ ; tradução: Daniel Bueno ; revisão técnica:Dirceu da Silva. – Porto Alegre : Penso, 2016.

ZACCARELLI, L. M., GODOY, A. S. Perspectivas do uso de diários nas pesquisas em organizações. **Cad. EBAPE.BR**. 2010, vol.8, n.3, p.550-563. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1679-39512010000300011>>. Acesso em 04 jan. 2021.